

## AINDA SOBRE OS CERIEIROS DE PENAFIEL E O FABRICO DE CERA EM RIBAS (LAGARES)

Teresa Soeiro<sup>1</sup>

### RESUMO:

Complemento ao artigo publicado no número anterior desta revista sobre a actividade dos cerieiros e a instalação de lagares de cera no município de Penafiel, com novos dados relativos aos proprietários do centro produtor de Ribas (Lagares) e possível identificação do seu lagar. Anexo genealógico da família detentora (por Eduardo Vasconcelos).

**Palavras-chave:** cerieiros, lagar de cera, Ribas - Lagares, Penafiel

### ABSTRACT:

Complement to the article, which was published in this magazine last issue, on the beeswax chandler occupation and installation of beeswax presses in Penafiel district. This additional information shows new data about the owners of the production center in Ribas (Lagares). Genealogical appendix of the holding family (by Eduardo Vasconcelos).

**Key-words:** Beeswax chandler, beeswax press, Penafiel, Ribas - Lagares

Quando, no anterior volume desta revista (nº 31-32), dedicámos um artigo aos cerieiros de Penafiel<sup>2</sup>, cruzando testemunhos documentais com a identificação da unidade produtiva de Sebolido, comprovada pelos materiais remanescentes do lagar de cera de Cancelos, não fomos capazes de encontrar idêntica correspondência material para a *fábrica* de Ribas, ainda que esta seja consistentemente referenciada nos inquéritos do século XIX (Fig.1).

Em 1823, o Corregedor da Comarca de Penafiel respondia ao inquérito da Junta do Comércio, sobre a existência de fábricas na área da sua jurisdição, mencionando uma unidade de cerieiro instalada no lugar de Ribas, freguesia de Lagares, propriedade de António da Rocha, onde trabalhava também seu pai, Manuel da Rocha, e um servente. Continuava em actividade no ano de 1881, quando se realizou o Inquérito Industrial, dedicada à refinação de cera e fabrico de velas, absorvendo a produção local de matéria prima ( $\pm$  600kg de cera), a que somava uma quantidade pelo menos quatro vezes superior adquirida no Porto. Fabricava cerca de 3000kg de velas brancas e amarelas (20%).

Como reportámos no artigo, deslocámo-nos algumas vezes a Ribas, em busca deste lagar e de recordações da lavra da cera, sem resultados, perda de memória idêntica à que se verificava em Sebolido,

---

<sup>1</sup> UP/FLUP - CITCEM

<sup>2</sup> SOEIRO, Teresa - A propósito de um lagar de cera e da actividade dos cerieiros em Penafiel. *Portugália*. Nova série. Porto, vol. 31-32 (2010-2011), p. 183-215.

onde mesmo perante a prensa de feixe sobre a broca e pia, ninguém conseguiu identificar o fim a que se destinavam.

Editada a *Portugália* e disponibilizada em suporte digital, não tardou a recebermos uma preciosa ajuda para fazer avançar a investigação, corroborando hipóteses então levantadas sobre a relação entre os detentores dos três lagares de cera mencionados, bem como permitindo a localização da unidade de Ribas, que em vão tínhamos procurado.

\*

Sabemos agora, por indicação de Eduardo de Vasconcelos<sup>3</sup>, que os dois homens identificados em 1823 possuíam casa na Silveira (ver anexo 1), lugar de Ribas (freguesia de Lagares, município de Penafiel), hoje à face da estrada que liga Galegos a Ordins, entroncamento da rua de Ribas com a avenida de Ordins (Fig.2).

Isolada e rodeada pelos seus campos, esta boa casa de lavoura, que data pelo menos do século XVIII, apresenta um edificado sucessivamente transformado para alargamento e qualificação da habitação e estruturas de produção, entre as quais destacamos os lagares para o vinho, no piso térreo, o engenho de azeite e alambique, em edifício próprio, e o engenho de maçar linho, de tracção animal (roda a meia altura), que ficava do outro lado da estrada, em construção vandalizada e destruída há não muitos anos.

Como que formando um segundo pátio ou quinteiro, contíguo ao conjunto anterior, pudemos ver a antiga casa de caseiro e as cortes para o gado. Um pouco mais afastado, em construção isenta, fica o lagar que agora nos interessa<sup>4</sup>, tendo como referência as coordenadas 41° 08' 07,32''N e 8° 20' 28,88''W. Existia ainda um outro pequeno edifício com duas divisões, já demolido, junto do portão de acesso.

O lagar encontra-se assim num edifício de planta sensivelmente quadrangular ( $\pm 4,6 \times 4,3$ m), situado no limite de uma plataforma, erguido em grandes blocos de granito colocados sem muito apuro, usando como apoio alguns penedos ali existentes, prática que também se verifica nos anexos para cortes, onde há mesmo penedos cortados de dois lados opostos, por forma a ganharem a largura da parede em que se integram (Fig. 3).

No piso inferior, parcialmente enterrado, o aparelho é mais irregular, de pedra seca apenas com a face externa regularizada e algumas juntas tomadas. A porta, voltada a sudeste e em cota inferior ao terreno envolvente, está protegida por uma parede de contenção de terras. Acede-se descendo três degraus. Este espaço, que não chega aos 20m<sup>2</sup> úteis, tem apenas mais uma abertura de iluminação, pequena fresta a meia altura, na parede sudoeste, junto do lagar. O chão será térreo, embora difícil de vislumbrar tal o avolumar de restos de madeira, por aqui se guardar e partir lenha (Fig. 4).

O sobrado possui entrada independente no alçado nordeste, maciço estruturado sobre um penedo, com patim protegido por guardas laterais para o qual se sobe vencendo três degraus. Dispõe de uma janela para sudoeste. O soalho, sobre barrotes, foi feito de novo. A cobertura, de quatro águas, é em telha marselha, com pronunciado beiral de lousa (Fig. 5).

No interior do piso térreo deparamos com um original lagar e respectiva prensa de feixe, instalados em paralelo e próximo da parede sudoeste, estando as argolas que articulam o feixe da prensa embutidas na parede contígua, oposta à porta (Fig. 6).

O lagar é formado a partir de uma única pedra, tratando-se de uma massa granítica, à semelhança dos demais penedos vizinhos, que foi escavada. Esta cavidade assume contorno ovalado junto da borda, com eixos de 167x110cm, mas vai-se tornando circular à medida que nos aproximamos do fundo, onde tem cerca de um metro de diâmetro. A profundidade atingida ronda os 76cm, apresentando-se a parede vazada junto do fundo, lateralmente, para criar uma bica por onde o conteúdo passaria à lagareta. A face

---

<sup>3</sup> Agradecemos encarecidamente o cuidado deste estudioso que, tendo lido o texto da *Portugália*, prontamente estabeleceu contacto, não só apontando a localização deste original lagar, como dispendo-se a partilhar informação obtida no decorrer da sua investigação e ainda relatos colhidos propositadamente junto de familiares próximos. De sua autoria é o Anexo 1, relativo à genealogia desta família, nas gerações que mais nos interessam.

<sup>4</sup> Agradecemos a Abílio Moreira Lopes, proprietário desta instalação, a possibilidade de a estudar.

exterior do lagar, nesta direcção, está cortada, perdendo a forma arredondada do penedo original, para mais facilmente nela se encostar a referida lagareta.

Independente do penedo anterior, a pia/lagareta foi trabalhada num bloco de granito quadrangular, ficando a cavidade, de ângulos interiores arredondados, com 83x50x28cm.

A prensa de feixe (Fig. 7) apresenta-se igual às das muitas instalações de lagares de vinho e azeite desta região. A trave ou feixe é um tronco sumariamente facetado, com o topo por trás do lagar articulado em argolas de pedra salientes da parede. Neste caso, a trave usada, com 350cm de comprimento e 30/40cm de espessura, parece uma solução de recurso, menos volumosa e não ocupando o vão da parede entre as argolas. Mesmo estas podem não ser as originais, uma vez que se apresentam bastantes grosseiras e no paramento do edifício vemos, reutilizados, outros blocos mais bem talhados, com o furo para o eixo, mas partidos. Uma pedra pousada sobre a parte saliente destas argolas reforça a capacidade de suportar a pressão exercida pela trave, quando em esforço.

Próximo da extremidade livre da trave encaixa o parafuso de madeira, ajustado pelas conchas providas, na face interna, com a fêmea ou negativo da rosca (Fig. 8). Esta, com compasso é de 9cm, cobre dois terços do parafuso, sendo o terço inferior de secção quadrangular, vazado ao centro, na vertical, para receber o veio de ferro que o prende ao peso com a ajuda de uma travessa de ferro quadrangular colocada na horizontal. Um outro orifício, circular e horizontal, permite a introdução da vara sobre a qual um ou mais homens exerceriam a força que o faria rodar para levantar ou baixar o feixe.

O peso, de granito, que completa o sistema, está hoje parcialmente enterrado nos resíduos lenhosos que se acumulam sobre o chão térreo. Parece cilíndrico, com a parede algo abaulada, medindo 74cm de diâmetro por mais de 50cm de alto. No topo superior mostra o rasgo em duplo chanfro onde encaixa a peça de madeira que prende a cabeça do veio. Porque está montado, não vemos o veio, aquele remate ou as anilhas de protecção, sistema bem conhecido que permite rodar o parafuso e baixar a trave sem mover o peso, até o levantar<sup>5</sup>.

O conjunto feixe/parafuso/peso apresenta-se com inclinação anómala e forçada, que vai deformando as peças, por ter oscilado lateralmente. Este desalinhamento não sucederia se estivessem montadas as virgens, prumos de madeira que no caso em estudo se apoiavam em dois rasgos abertos no penedo/lagar, pelo exterior do rebordo, indo a outra extremidade certamente firmar-se nos barrotes que suportavam o sobrado (Fig. 10).

São estes os elementos estruturais presentes, poucos para uma interpretação inequívoca. Que este lagar poderia ser utilizado para o fabrico de vinho, é uma constatação óbvia, até porque permanece na lembrança de proprietários e trabalhadores a vinificação ocasional de *vinho americano*, secundarizado face ao vinho verde para o qual se reservavam os lagares da casa.

Porém, a hipótese que nos interessa questionar prende-se com a probabilidade de ele ser propositadamente feito para aquele fim, e isso é que parece discutível, não só pela originalidade, como por a escavação do penedo constituir um maior investimento em trabalho e um acréscimo de dificuldade em relação à preparação dos habituais tampos planos em granito, não faltando matéria prima e saber para efectuar o corte de pedra, como demonstra toda a arquitectura envolvente. Também o limitado volume de uva que poderia ser processado e a dificuldade de movimentação durante a pisa, nomeadamente por causa do feixe da prensa, causam perplexidade. Parece mais fácil realizar a mesma tarefa, para tão pequenas quantidades, por exemplo, numa dorna.

Mesmo que tomemos como termo de comparação alguns lagares escavados em penedos, com cronologia proposta a partir da época romana, vemos que dificilmente os podemos aproximar deste exemplar<sup>6</sup>. Já sobre a materialidade dos lagares existentes no piso térreo das habitações e em anexos

<sup>5</sup> PEREIRA, Benjamim - *Tecnologia tradicional do azeite em Portugal*. Idanha-a-Nova: Centro Cultural Raiano, 1997, p. 54-55.

<sup>6</sup> Por exemplo: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - O passado arqueológico de Carlão - Alijó. *Portugália*. Nova série. Porto, vol. 13-14 (1992-1993), p. 239 e segs.; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; PINTO, Paulo J. Costa; ALMEIDA, Pedro Miguel D. Brochado de - Os lagares cavados na rocha do Castelo de Castorigo - Pegarinhos (Alijó). *Douro - Estudos & Documentos*. Porto, vol. 4 (1997), p. 15-24; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ANTUNES, João Viana; FARIA, Pedro Baére de - Rastrear as antigas ocupações humanas no território meridional da vila da Meda - *Estudos &*

das mais comuns casas rurais da época moderna, registados na documentação referente a esta região, quase nada conhecemos.

Por outro lado, as respostas dadas aos inquéritos à indústria atrás mencionados dizem-nos que em Ribas, durante o século XIX, se procedia à purificação da cera em quantidade que implicava o emprego de uma prensa de feixe. Ora, este lagar pequeno, fundo e de contorno arredondado poderia ajustar-se muito razoavelmente à prensagem de seiras carregadas de cera derretida, substituindo a *broca* de madeira que acolhe o *mandim*, usual nos lagares de cera que chegaram ou se construíram no século XX, para a qual também conhecemos alternativas como o cincho ou as tinas cilíndricas em cimento. A cera espremida cairia na pia, de onde seria recolhida e transferida para outras pias ou formas de madeira, para se obter o *pão*, ao arrefecer.

Caso estejamos perante a antiga instalação de cerieiro, o lagar do piso térreo poderia alimentar a área de fabrico das velas, instalada no sobrado e/ou no outro edifício mencionado, hoje demolido, funcionando esta indústria próximo da casa de lavoura mas em edifício próprio, isolado.

\*

Sustenta a hipótese anterior o facto de a Casa da Silveira ter pertencido a Manuel da Rocha e ao filho, António da Rocha, o industrial de velas do inquérito de 1823. Mas pode ainda interessar-nos remontar uma geração, a Águeda da Rocha, casada com Manuel Ferreira e mãe de Manuel, natural do lugar de Recarei, e ainda mais uma a António Martins, falecido em 1758, que o registo identifica como cerieiro do lugar da Costa de Recarei, então pertencente à freguesia de Sobreira (município de Paredes), isto porque aqui se localiza um dos lagares de cera referenciados, na ainda hoje denominada Casa do Cerieiro.

À época da informação, 1823, António da Rocha comandaria a actividade cerieira realizada na Casa da Silveira, em Ribas, embora fique registada a presença de seu pai, bastante idoso (nascido em 1747). Apesar de dedicado à *indústria* de transformação e comércio de produtos de cera, António Rocha surge no recenseamento militar de 1831 classificado como lavrador, casado, com quarenta e três anos, residente no lugar da Silveira<sup>7</sup>. Pouco posterior, o recenseamento eleitoral de 1836 também o designa como lavrador<sup>8</sup>, condição que alicerçaria os seus rendimentos, certamente bem mais prestigiante do que ser industrial ou negociante na província. Estaria casado com Teresa Maria Lopes Martins, natural de Sebolido, lugar de poucos eleitores, mas onde deparamos com os nomes dos seus irmãos José Lopes Martins, pároco, e Manuel Lopes Martins, lavrador, residente em Rio Mau<sup>9</sup>.

Da geração seguinte salientamos os filhos José Lopes da Rocha (n. 1824), proprietário, solteiro, que permaneceu na Casa da Silveira, em Ribas<sup>10</sup>, talvez herdando também o negócio de seu pai, já que a unidade produtiva foi considerada no Inquérito Industrial de 1881. Enquanto isso, Joaquim Lopes da Rocha, ainda nascido em Lagares (1827), fixará residência em Sebolido. Nesta freguesia, já casado, foi recenseado eleitor e elegível em 1879<sup>11</sup> e 1894<sup>12</sup>, primeiro como lavrador, com contribuição de 1\$530, passando depois a proprietário, com contribuição de 8\$270. Não sabemos se levou consigo a arte de purificar cera e fazer velas, de que o lagar de Cancelos seria testemunho.

Certamente porque o senhor da Casa da Silveira não teve descendentes, vemo-la passar para o sobrinho, José Lopes Correia da Rocha (n. 1857), filho de Joaquim. Este foi de facto, segundo a memória familiar, industrial de velas. Nasceu em 1857, em Sebolido, onde viveu excepto no período em que ocu-

---

*Documentos*. Porto, vol. 7 (1999), p. 179-207; ANTUNES, João Viana; FÁRIA, Pedro Baére de - Lagares do Alto Douro Sul. Tipologias e tecnologia - *Estudos & Documentos*. Porto, vol. 14 (2002), p. 65-77. Síntese em PEÑA CERVANTES, Yolanda - *Torcularia. La producción de vino y aceite en Hispania*. Tarragona: Institut Català d'Aqueologia Clàssica, 2010, p. 90-92 e 135-140.

<sup>7</sup> AMPNF 1753 - Livro de registo dos fogos e moradores no districto da 7ª Companhia de Ordenanças da Capitania Mor das Ordenanças de Penafiel, 1831.

<sup>8</sup> AMPNF 1604 - Livro de recenseamento a que mandou proceder o decreto de 8 de Outubro de 1836 para eleição de deputados na freguesia de Lagares.

<sup>9</sup> AMPNF 1619 - Livro de recenseamento a que mandou proceder o decreto de 8 de Outubro de 1836 para eleição de deputados na freguesia de Sebolido.

<sup>10</sup> AMPNF 1643 - Livro do recenseamento de eleitores e elegíveis, 1894.

<sup>11</sup> AMPNF 1640 - Caderno de recenseamento de eleitores e elegíveis, S. Paio, 1879.

<sup>12</sup> AMPNF 1643 - Livro do recenseamento de eleitores e elegíveis, 1894.

pou a Casa da Silveira. É recenseado em 1901<sup>13</sup> como proprietário, casado, residente em Ribas, eleitor e elegível para lugares de relevo dada a contribuição paga, 34\$101, das mais elevadas da freguesia. Sem filhos que vingassem, acabaria por trazer para sua casa uma jovem afillhada, por 1905, que aqui permaneceu depois de casada (1911) enquanto ele próprio acabaria por fixar-se em Sebolido, onde faleceu (m.1935).

Daqui por diante não voltou a haver actividade de cerieiro na Casa da Silveira, e outro tanto teria sucedido em Cancelos (Sebolido), uma vez que está apagada da memória dos residentes. Permaneceu em Recarei (município de Paredes), provável ponto de partida da diáspora familiar que traria consigo o conhecimento especializado deste ofício.

---

<sup>13</sup> AMPNF 1644 - Livro do recenseamento de eleitores e elegíveis, 1901.

## ANEXO 1

# SUPLEMENTO GENEALÓGICO

Eduardo de Vasconcelos<sup>14</sup>

### Ascendência de Manuel da Rocha Ferreira

**1. Domingos Gaspar “o Silveira”**, (faleceu a 18/11/1714 <sup>15</sup>) natural da freguesia de Lagares, concelho de Penafiel. Casou com Isabel Antónia (faleceu a 09/03/1725 <sup>16</sup>) e tiveram descendência, que segue:

**2. Manuel**, (nasceu a 15/04/1670 <sup>17</sup>) natural do lugar de Ribas, freguesia de Lagares, indivíduo que provavelmente se poderá identificar como sendo o Manuel António<sup>18</sup> (faleceu a 08/07/1715 <sup>19</sup>, no lugar da Silveira) que contraiu matrimónio (em 26/02/1702 <sup>20</sup>) na freguesia de Lagares, com Águeda Ferreira (nasceu a 21/04/1672 <sup>21</sup>, faleceu a 29/10/1747 <sup>22</sup>), sua conterrânea, filha de Cosme Gaspar (nasceu a 17/09/1636 <sup>23</sup>, faleceu a 17/12/1712 <sup>24</sup>) e de sua mulher Maria Ferreira (faleceu a 21/02/1693 <sup>25</sup>), casados que foram (em 18/01/1667 <sup>26</sup>) em Lagares, freguesia de naturalidade de ambos.

Cosme Gaspar era natural do lugar de Ordins, freguesia de Lagares, e filho de Gaspar Fernandes (faleceu a 16/07/1685 <sup>27</sup>) e de sua mulher Isabel Antónia (faleceu a 15/02/1647 <sup>28</sup>), casados (em 27/11/1634 <sup>29</sup>) na freguesia de Lagares, sendo seus irmãos António Gaspar (nasceu a 07/06/1635 <sup>30</sup>), Maria Gaspar (nasceu a 14/09/1638 <sup>31</sup>), Mateus Gaspar (nasceu a 21/09/1640 <sup>32</sup>) e Isabel Gaspar (nasceu a 27/02/1645 <sup>33</sup>). Sua mulher Maria Ferreira era filha de Gaspar Ferreira e de sua mulher Joana Maria.

<sup>14</sup> Genealogista, Engenheiro e descendente de Manuel da Rocha Ferreira (evasconcelos@engenheiros.pt)

<sup>15</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 228

<sup>16</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 244v.º

<sup>17</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 10

<sup>18</sup> Localizou-se na mesma freguesia de Lagares e lugar de Ribas um segundo Manuel António, que a ser filho de um outro Domingos Gaspar “Silveira” e de sua mulher Catarina Antónia, continua a não se poder considerar ser este o mesmo indivíduo procurado visto surgir como padrinho num registo de baptismo (de Manuel a 03/06/1712) identificado como filho de Catarina Antónia viúva (e não como marido de ...), logo seria provavelmente solteiro nessa data, e o Domingos Gaspar seu pai teria de ter já falecido em 1712 (visto aparecer Catarina Antónia como viúva); além disso o casamento do mesmo Domingos Gaspar “Silveira” com Catarina Antónia apenas ocorreu a 23/02/1673, ou seja após o nascimento do proposto Manuel. Este Domingos Gaspar “Silveira” casado com Catarina Antónia era filho de Gonçalo Gaspar e de sua mulher Maria Brás “a Silveira”, casados que foram em 15/02/1638

<sup>19</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 229v.º

<sup>20</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fls. 277v.º e 278

<sup>21</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 11

<sup>22</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 3M, 1716-1750, fl. 272

<sup>23</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 1M, 1587-1679, fl. 56

<sup>24</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 226

<sup>25</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 200v.º

<sup>26</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 259v.º

<sup>27</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 190v.º

<sup>28</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 1M, 1587-1679, fl. 135v.º

<sup>29</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 1M, 1587-1679, fl. 179

<sup>30</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 1M, 1587-1679, fl. 55

<sup>31</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 1M, 1587-1679, fl. 59

<sup>32</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 1M, 1587-1679, fl. 62v.º

<sup>33</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 1M, 1587-1679, fl. 70



Águeda Ferreira, filha de Cosme Gaspar e de sua mulher Maria Ferreira, teve como irmãos a André Ferreira <sup>34</sup> (nasceu a 30/10/1664 <sup>35</sup>), Maria Ferreira (nasceu a 20/04/1667 <sup>36</sup>), Manuel (I) Ferreira (nasceu a 15/08/1674 <sup>37</sup>) o qual terá falecido criança, e Manuel (II) Ferreira (nasceu a 06/12/1675 <sup>38</sup>).

Manuel António e Águeda Ferreira tiveram descendência, que segue.

**3. Manuel Ferreira**, lavrador<sup>39</sup>, (nasceu a 22/05/1704 <sup>40</sup>, faleceu a 08/02/1788 <sup>41</sup>) foi natural do lugar de Ribas, freguesia de Lagares. Casou com Josefa Moreira (falecida a 12/03/1743 <sup>42</sup>). Após o falecimento desta, voltou a casar em segundas núpcias, (em 07/02/1746 <sup>43</sup>) na freguesia da Sobreira, com Águeda da Rocha (nasceu a 17/01/1712 <sup>44</sup>, faleceu a 02/04/1773 <sup>45</sup>) natural do lugar de Recarei, freguesia da Sobreira, concelho de Paredes, filha de António Martins (baptizado a 18/12/1678 <sup>46</sup>, faleceu a 28/06/1758 <sup>47</sup>), natural do lugar do Pinheiro, freguesia de Valbom, concelho de Gondomar, mas morador à data de seu casamento em casa do Padre Clemente da Costa, no lugar da Costa de Recarei, local onde exerceu a profissão de cerieiro<sup>48</sup>, e de sua mulher, outra Águeda da Rocha (baptizada a 26/03/1679 <sup>49</sup>, faleceu a 10/05/1737 <sup>50</sup>), natural do lugar do Outeiro de Recarei, freguesia da Sobreira, com quem casara (em 11/02/1706 <sup>51</sup>) na mesma freguesia da Sobreira. António Martins era filho de Manuel Gonçalves, natural do lugar de Vila Verde, freguesia de Valbom, e de sua mulher Maria Martins, natural do lugar do Gato, também da freguesia de Valbom, casados que foram (em 27/07/1663 <sup>52</sup>) em Valbom. Águeda da Rocha era filha de António Manuel, natural do lugar do Outeiro de Recarei, freguesia da Sobreira, e de sua mulher Feliciania Antónia, também ela natural do mesmo lugar do Outeiro de Recarei, e casados que foram (em 18/11/1659 <sup>53</sup>) nessa mesma freguesia. Foram irmãos de Águeda da Rocha, filhos dos mesmos António Manuel e Feliciania Antónia, Miguel da Rocha (baptizado a 28/09/1664 <sup>54</sup>), Isabel da Rocha (baptizada a 16/02/1670 <sup>55</sup>), Manuel da Rocha (baptizado a

---

<sup>34</sup> O registo de casamento de seus pais aponta como data para a celebração do matrimónio dos mesmos uma altura posterior à do seu nascimento, no entanto o registo de seu baptismo refere serem seus pais Cosme Gaspar e Maria Ferreira casados, pelo que provavelmente a data no registo de casamento de seus pais estará errada, já que acresce notar-se serem todos os registos de vários anos exactamente com a mesma caligrafia, o que pode revelar terem sido copiados de outro livro que se tenha deteriorado.

<sup>35</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 7

<sup>36</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 8v.º

<sup>37</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 12v.º

<sup>38</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 13

<sup>39</sup> Ocupação com que surge identificado na escritura de venda do Caneiro de Ribas, onde é comprador ("Venda que faes Manoel Lopes e sua m.<sup>er</sup> Catharina Moreira Roiz a Manoel Ferreira" - 14/03/1771) - Arquivo da Casa da Silveira, Lagares, Penafiel

<sup>40</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 74

<sup>41</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 5M, 1780-1816, fl. 210v.º

<sup>42</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 4M, 1716-1780, fl. 264v.º

<sup>43</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 3M, 1742-1772, fl. 124

<sup>44</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 2M, 1705-1741, fls. 19 e 19v.º

<sup>45</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 4M, 1716-1780, fl. 313

<sup>46</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Gondomar, freguesia de Valbom, Lv. 2M, 1660-1700, fl. 32

<sup>47</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 3M, 1742-1772, fl. 79v.º

<sup>48</sup> Esta sua profissão aparece indicada no registo do seu óbito

<sup>49</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 1M, 1642-1706, fl. 79v.º

<sup>50</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 2M, 1705-1741, fl. 289

<sup>51</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 1M, 1642-1706, fls. 172 e 172v.º

<sup>52</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Gondomar, freguesia de Valbom, Lv. 2M, 1660-1700, fl. 109

<sup>53</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 1M, 1642-1706, fl. 130

<sup>54</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 1M, 1642-1706, fl. 44v.º

<sup>55</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 1M, 1642-1706, fl. 58v.º

26/02/1673<sup>56</sup>), Domingos da Rocha (baptizado a 26/07/1676<sup>57</sup>) e António da Rocha (baptizado em 11/07/1683<sup>58</sup>), todos naturais do lugar do Outeiro de Recarei, freguesia da Sobreira.

António Martins e sua mulher Águeda da Rocha, pais da Águeda da Rocha casada com o Manuel Ferreira do lugar de Ribas, foram ainda progenitores de Clemência da Rocha (nasceu a 02/11/1709<sup>59</sup>), Manuel da Rocha (nasceu a 07/06/1714<sup>60</sup>, faleceu a 06/10/1793<sup>61</sup>), Ana da Rocha (nasceu a 21/12/1718<sup>62</sup>, faleceu a 09/12/1753<sup>63</sup>) e Maria da Rocha, todos naturais do lugar de Recarei, freguesia da Sobreira. Este Manuel da Rocha, cerieiro<sup>64</sup>, veio a contrair matrimónio (em 27/11/1752<sup>65</sup>) na mesma freguesia de sua naturalidade, com Maria Nogueira (faleceu a 21/08/1793<sup>66</sup>), filha de Manuel Pais e de sua mulher Francisca Dias e deste casal não se localizou descendência<sup>67</sup>. Sua irmã Clemência da Rocha contraiu matrimónio (em 06/03/1737<sup>68</sup>), também na freguesia da Sobreira, com Caetano Nogueira, filho de Francisco Nogueira e de sua mulher Catarina Antónia do lugar do Outeiro de Recarei. Outra irmã, Ana da Rocha, contraiu matrimónio (em 14/02/1752<sup>69</sup>) também na freguesia da Sobreira, com Manuel Francisco, filho de Manuel Francisco e de sua mulher Maria Antónia, do lugar de Quintandona, freguesia de Lagares, os quais não deverão ter possuído descendência uma vez ter falecido Ana da Rocha pouco menos de dois anos após o casamento.

Manuel Ferreira e Águeda da Rocha tiveram descendência, que segue.

**4. Manuel da Rocha Ferreira** (nasceu a 26/02/1747<sup>70</sup>), natural do lugar de Ribas, freguesia de Lagares, indivíduo de quem segue a descendência no capítulo seguinte.

**4. Maria da Rocha Ferreira** (nasceu a 17/03/1749<sup>71</sup>), natural do lugar da Silveira, freguesia de Lagares.

**4. José (I) da Rocha Ferreira** (nascido a 23/12/1750<sup>72</sup>) natural da mesma freguesia de Lagares e lugar da Silveira, o qual terá provavelmente falecido criança.

**4. Ana da Rocha Ferreira**, (nascida a 16/05/1752<sup>73</sup>) e que, tal como seus irmãos, foi natural do lugar da Silveira.

**4. José (II) da Rocha Ferreira**, (nascido a 12/10/1755<sup>74</sup>) natural da mesma freguesia de Lagares.

---

<sup>56</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 1M, 1642-1706, fl. 67

<sup>57</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 1M, 1642-1706, fl. 75v.º

<sup>58</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 1M, 1642-1706, fl. 85v.º

<sup>59</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 2M, 1705-1741, fl. 11

<sup>60</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 2M, 1705-1741, fls. 29v.º e 30

<sup>61</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 5M, 1783-1802, fl. 208

<sup>62</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 2M, 1705-1741, fl. 46v.º

<sup>63</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 4M, 1716-1780, fl. 279

<sup>64</sup> Aparece referenciado com essa profissão no registo do seu óbito, no do óbito de sua mulher Maria Nogueira, e também num registo de baptismo de Bernardo (22/06/1766) onde surge como padrinho juntamente com sua sobrinha Ana - Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 3M, 1742-1772, fl. 183v.º

<sup>65</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 3M, 1742-1772, fl. 32v.º

<sup>66</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 5M, 1783-1802, fl. 207v.º

<sup>67</sup> O que é ainda mais reforçado com ficar como testamenteiro de Maria Nogueira o seu sobrinho José

<sup>68</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 2M, 1705-1741, fl. 229v.º

<sup>69</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Paredes, freguesia da Sobreira, Lv. 3M, 1742-1772, fl. 131

<sup>70</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 4M, 1727-1780, fls. 110 e 111

<sup>71</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 4M, 1716-1780, fl. 118v.º

<sup>72</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 4M, 1716-1780, fls. 125v.º e 126

<sup>73</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 4M, 1716-1780, fl. 131

<sup>74</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 4M, 1716-1780, fl. 146



3. **Maria Ferreira**, (nasceu a 04/02/1707 <sup>75</sup>) natural do lugar de Ribas, freguesia de Lagares.
3. **Helena Ferreira**, (nasceu a 03/11/1709 <sup>76</sup>) também natural do já referido lugar de Ribas.
2. **Domingos**, (nasceu a 31/10/1676 <sup>77</sup>) natural do mesmo lugar de Ribas.
2. **António**, (baptizado a 05/07/1689 <sup>78</sup>) também natural do já referido lugar de Ribas. Este indivíduo poderá ser o António da Silva que contrai casamento na freguesia de Lagares (em 14/06/1708 <sup>79</sup>) com Helena de Sousa, filha de Domingos de Sousa e de sua mulher do lugar de Ribas.

### Descendência de Manuel da Rocha Ferreira

1. **Manuel da Rocha Ferreira** (nasceu a 26/02/1747 <sup>80</sup>, faleceu a 24/02/1826 <sup>81</sup>), natural do lugar de Ribas, freguesia de Lagares, concelho de Penafiel. Casou (em 01/09/1777 <sup>82</sup>) na freguesia de Perozelo, concelho de Penafiel, com Maria Lopes (nasceu a 27/09/1751 <sup>83</sup>, faleceu a 03/02/1814 <sup>84</sup>), natural do lugar da Quintã, dessa mesma freguesia de Perozelo, filha de Domingos Fernandes (faleceu a 20/07/1775 <sup>85</sup>), natural do lugar da Portela, freguesia de Santa Marta, concelho de Penafiel, e de sua mulher, outra Maria Lopes (nasceu a 05/03/1715 <sup>86</sup>, faleceu a 27/12/1756 <sup>87</sup>), natural do lugar do Outeiro, freguesia de Vila Cova, do mesmo concelho de Penafiel, com quem contrairá matrimónio (em 28/08/1734 <sup>88</sup>) nessa mesma freguesia de Vila Cova. Foram proprietários e moradores na Casa da Silveira, lugar de Ribas, freguesia de Lagares, e também caseiros enfiteutas<sup>89</sup>. Tiveram descendência, que segue.
  2. **Maria da Rocha** (nasceu a 11/11/1774 <sup>90</sup>), natural do lugar de Ribas, freguesia de Lagares.
  2. **António da Rocha** (nasceu a 15/02/1787 <sup>91</sup>, faleceu a 06/05/1872 <sup>92</sup>) também natural do lugar de Ribas, freguesia de Lagares. Casou (em 28/10/1821 <sup>93</sup>) na freguesia de Canelas, concelho de Penafiel, com Teresa Maria Lopes Martins (nasceu a 11/10/1794 <sup>94</sup>, faleceu a 08/08/1879 <sup>95</sup>), natural do lugar de Sebolido, freguesia de Canelas, filha de

<sup>75</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 80

<sup>76</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fls. 92v.º e 93

<sup>77</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 13v.º

<sup>78</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 29v.º

<sup>79</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 2M, 1654-1729, fl. 283

<sup>80</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 4M, 1727-1780, fls. 110 e 111

<sup>81</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 6M, 1816-1831, fl. 135

<sup>82</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Perozelo, Lv. 3M, 1752-1808, fls. 168v.º e 169

<sup>83</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Perozelo, Lv. 2B, 1697-1751, fl. 120

<sup>84</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 5M, 1780-1816, fl. 275v.º

<sup>85</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Perozelo, Lv. 3M, 1752-1808, fl. 210v.º

<sup>86</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Vila Cova, Lv. 2M, 1696-1743, fl. 37v.º

<sup>87</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Perozelo, Lv. 3M, 1752-1808, fl. 193v.º

<sup>88</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Vila Cova, Lv. 2M, 1696-1743, fls. 151v.º e 152

<sup>89</sup> Manuel da Rocha Ferreira e sua mulher Maria Lopes, moradores no lugar de Ribas da Silveira, recebem o emprazamento do Casal do Cabo, sito no lugar de Ribas, freguesia de Lagares, do qual eram já caseiros, a 17 de Julho de 1781, ficando o foro acordada em dois alqueires de pão terçado e 20 reis em dinheiro a ser pago pelo São Miguel de Setembro de cada ano ("Prazo que fas Donna Clara Joana Guedes de Carvalho da Freguezia de Abragaõ a Manoel da Rocha e sua mulher Maria Lopes da Freguezia de Lagares") - Arquivo da Casa da Silveira, Lagares, Penafiel

<sup>90</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 5M, 1780-1816, fl. 12

<sup>91</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 5M, 1780-1816, fl. 24

<sup>92</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 12M, 1856-1874, N.º 9 - 1872, fl. 257

<sup>93</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Sebolido, Lv. 1M, 1805-1853, fl. 108v.º

<sup>94</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Canelas, Lv. 5M, 1793-1818, fl. 70

<sup>95</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. O, 1875-1895, N.º 16 - 1879, fls. 26 e 26v.º

Manuel Ferreira Lopes, (nasceu a 06/11/1746 <sup>96</sup>, faleceu a 08/09/1820 <sup>97</sup>), de ocupação lavrador-proprietário, também natural do lugar de Sebolido, e de sua mulher Teresa Martins Coelho (nasceu a 19/04/1752 <sup>98</sup>, faleceu a 08/12/1839 <sup>99</sup>), natural do lugar de Ameixede, freguesia da Eja, concelho de Penafiel, com quem tinha casado (em 08/11/1773 <sup>100</sup>) na freguesia de Canelas.

Foi morador na casa n.º 23 do lugar de Ribas, freguesia de Lagares, onde veio a falecer, habitação que se deve poder identificar com a Casa da Silveira de que era proprietário, e onde exerceu a profissão de cerieiro. Tiveram descendência, que segue.

**3. Manuel Lopes da Rocha** (nasceu a 19/09/1822 <sup>101</sup>) natural da freguesia de Lagares.

**3. José Lopes da Rocha** (nasceu a 19/10/1824 <sup>102</sup>), também natural da já referida freguesia de Lagares.

**3. Joaquim Lopes da Rocha** (baptizado a 08/04/1827 <sup>103</sup>), natural da freguesia de Lagares. Casou (em 06/07/1848 <sup>104</sup>) na freguesia de Sebolido, concelho de Penafiel, com Maria de Jesus Correia da Silva e Vasconcelos (nasceu a 24/04/1826 <sup>105</sup>), natural da freguesia da Raiva, concelho de Castelo de Paiva, filha legítima do Capitão José Correia da Silva e Vasconcelos (baptizado a 20/05/1777 <sup>106</sup>, faleceu a 19/02/1853 <sup>107</sup>) e de sua mulher Cecília Correia da Rocha Guimarães e Figueiredo (nasceu a 23/03/1793 <sup>108</sup>, faleceu a 24/04/1830 <sup>109</sup>), casados que tinham sido (em 30/06/1817 <sup>110</sup>) na Capela de Nossa Senhora das Amoras, freguesia da Raiva, e moradores que foram na sua Casa do Olival de Baixo, sita no lugar de Oliveira do Arda, dessa mesma freguesia da Raiva.

Joaquim Lopes da Rocha, de ocupação proprietário, e sua mulher Maria de Jesus Correia da Silva e Vasconcelos, também proprietária, tiveram descendência, que segue.

**4. Manuel Lopes Correia da Rocha** (nasceu a 22/09/1852 <sup>111</sup>), natural da freguesia de Sebolido, o qual teve como ocupação negociante. Casou com Ana Ferreira do Vale Peixoto (nasceu a 09/12/1849 <sup>112</sup>) natural do lugar da Ufe, freguesia de Canelas, filha de Francisco José do Vale Peixoto, (nasceu a 11/04/1816 <sup>113</sup>), de ocupação proprietário, com ligação familiar à Capela de Guilhomil<sup>114</sup> sita na freguesia de Polvoreira, concelho de Guimarães, e de Teresa Maria de Jesus Ferreira (nasceu a 17/01/1817 <sup>115</sup>), de ocupação proprietária, com ligação familiar à Casa da Ufe sita na freguesia de Canelas, com quem contrairá matri-

<sup>96</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Canelas, Lv. 1B, 1720-1755, fl. 284

<sup>97</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Sebolido, Lv. 1M, 1805-1853, fl. 208v.º

<sup>98</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia da Eja, Lv. 2M, 1722-1773, fls. 43v.º e 44

<sup>99</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Sebolido, Lv. 1M, 1805-1853, fl. 225v.º

<sup>100</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Canelas, Lv. 4M, 1770-1802, fls. 12 e 12v.º

<sup>101</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 6M, 1816-1831, fl. 41v.º

<sup>102</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 6M, 1816-1831, fl. 53

<sup>103</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 6M, 1816-1831, fl. 69v.º

<sup>104</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Sebolido, Lv. 1M, 1805-1853, fls. 136v.º e 137

<sup>105</sup> Arquivo Distrital de Aveiro, Registos Paroquiais, Castelo de Paiva, freguesia da Raiva, Lv. 9B, 1811-1832, fl. 147

<sup>106</sup> Arquivo Distrital de Aveiro, Registos Paroquiais, Castelo de Paiva, freguesia da Raiva, Lv. 5B, 1769-1811, fl. 36v.º

<sup>107</sup> Arquivo Distrital de Aveiro, Registos Paroquiais, Castelo de Paiva, freguesia da Raiva, Lv. 420, 1806-1859, fl. 138v.º

<sup>108</sup> Arquivo Distrital de Aveiro, Registos Paroquiais, Castelo de Paiva, freguesia de Stª Mª de Sardoura, Lv. 6B, 1786-1802, fls. 78v.º e 79

<sup>109</sup> Arquivo Distrital de Aveiro, Registos Paroquiais, Castelo de Paiva, freguesia da Raiva, Lv. 420, 1806-1859, fl. 85v.º

<sup>110</sup> Arquivo Distrital de Aveiro, Registos Paroquiais, Castelo de Paiva, freguesia da Raiva, Lv. 26C, 1784-1829, fls. 74 e 74v.º

<sup>111</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Sebolido, Lv. 1M, 1805-1853, fls. 162 e 162v.º

<sup>112</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Canelas, Lv. 3B, 1838-1852, fl. 82

<sup>113</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Canelas, Lv. 6M, 1811-1838, fls. 24v.º e 25

<sup>114</sup> MACHADO, José (1899), Capella e Morgado de Guilhomil, Revista de Guimarães, Vol. XVI (N.º 2 e 3 – Abril e Julho), Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, pp. 67-70

<sup>115</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Canelas, Lv. 6M, 1811-1838, fls. 28v.º e 29

mónio (em 31/07/1842 <sup>116</sup>) na já referida freguesia de Canelas. Com descendência.

**4. Maria do Carmo Correia de Vasconcelos** (nasceu a 22/12/1854 <sup>117</sup>), natural do lugar e freguesia de Sebolido, veio a falecer solteira e sem descendência.

**4. José Lopes Correia da Rocha** (nasceu a 23/02/1857 <sup>118</sup>), natural do mesmo lugar e freguesia de Sebolido. Casou com Albina Soares da Rocha, (nasceu a 17/09/1855 <sup>119</sup>), natural da freguesia de Valpedre, concelho de Penafiel, filha de Francisco José da Rocha (nasceu a 17/05/1821 <sup>120</sup>) e de sua mulher Ana Maria Soares Vieira (nasceu a 15/03/1818 <sup>121</sup>), tendo sido proprietário da Casa da Silveira, sita na freguesia de Lagares, onde residiu, e teve como ocupação a indústria cerieira. Não teve descendência.

**4. Ana do Espírito Santo Correia de Vasconcelos** (nasceu a 11/08/1859 <sup>122</sup>) também natural de Sebolido.

**4. Teresa de Jesus Lopes Correia da Silva e Vasconcelos** (nasceu a 02/11/1861 <sup>123</sup>) natural do mesmo lugar e freguesia de Sebolido, tal como os seus irmãos. Casou com António José Pereira da Silva, negociante, Presidente da Direcção da Associação Comercial de Penafiel<sup>124</sup>, Membro do Conselho Fiscal da Caixa de Crédito Penafidelense<sup>125</sup>, Mesário da Santa Casa de Misericórdia de Penafiel<sup>126</sup>, Vereador da Câmara Municipal de Penafiel<sup>127</sup>, natural da freguesia de Santiago de Cernadelo, concelho de Lousada, e filho de Domingos José Pereira da Silva e de sua mulher Joaquina Pereira da Silva. Com descendência.

**4. Francisco Lopes Correia da Rocha** (nasceu a 02/10/1866 <sup>128</sup>), também natural de Sebolido, o qual faleceu solteiro e sem descendência.

**3. Bernardino Lopes da Rocha**, (nasceu a 30/03/1829 <sup>129</sup>), também natural da freguesia de Lagares.

**3. Gertrudes da Encarnação Lopes da Rocha** (nasceu a 09/05/1835 <sup>130</sup>), natural da mesma freguesia de Lagares, a qual contraiu matrimónio com um indivíduo de apelido Teixeira e teve daí descendência.

**3. Maria Lopes da Rocha**, que foi também natural da freguesia de Lagares. Casou com Aires de Sousa Baptista (nasceu a 05/01/1820 <sup>131</sup>), natural da freguesia de Peroze-lo, concelho de Penafiel, filho de Domingos de Sousa Baptista e de sua mulher Ana Maria Coelho. Com descendência.

<sup>116</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Canelas, Lv. 7C, 1838-1877, fls. 9 e 9v.º

<sup>117</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Sebolido, Lv. 2M, 1854-1859, fl. 4

<sup>118</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Sebolido, Lv. 2M, 1854-1859, fl. 10v.º

<sup>119</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Valpedre, Lv. 6B, 1815-1859, fl. 115

<sup>120</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Valpedre, Lv. 6B, 1815-1859, fl. 16

<sup>121</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Valpedre, Lv. 6B, 1815-1859, fl. 8v.º

<sup>122</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Sebolido, Lv. 2M, 1854-1859, fls. 18v.º e 19

<sup>123</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Sebolido, Lv. 4B, 1861, N.º 11, fls. 7 e 7v.º

<sup>124</sup> Anos de 1898 e 1899 - FERREIRA, José F. Coelho (2000), *Penafiel há Cem Anos - II (1895-1899)*, Penafiel, Livrofiel, pp. 250, 251, 332 e 333

<sup>125</sup> Ano de 1898 - FERREIRA, José F. Coelho (2000), *Penafiel há Cem Anos - II (1895-1899)*, Penafiel, Livrofiel, p. 298

<sup>126</sup> Biénio 1898-1899 - FERREIRA, José F. Coelho (2000), *Penafiel há Cem Anos - II (1895-1899)*, Penafiel, Livrofiel, p. 282

<sup>127</sup> Triénio 1890/1892, eleito pelo Partido Progressista - FERREIRA, José F. Coelho (1995), *Penafiel há Cem Anos - I (1890-1894)*, Penafiel,

Edição de Autor, pp. 39 e 43

<sup>128</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Sebolido, Lv. 6B, 1866, N.º 16, fls. 33 e 33v.º

<sup>129</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 6M, 1816-1831, fls. 77v.º e 78

<sup>130</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 7B, 1831-1853, fl. 13v.º

<sup>131</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Peroze-lo, Lv. 4B, 1806-1845, fls. 35v.º e 36

**2. Ana da Rocha** (nasceu a 03/04/1789 <sup>132</sup>), natural do lugar de Ribas, freguesia de Lagares. Casou (em 20/05/1819 <sup>133</sup>) na freguesia de Lagares, com Joaquim Nogueira, filho de Manuel Nogueira e de sua mulher Maria Coelho do lugar da Quinta, freguesia da Sobreira, concelho de Paredes.

---

<sup>132</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 5M, 1780-1816, fls. 37v.º e 38

<sup>133</sup> Arquivo Distrital do Porto, Registos Paroquiais, Penafiel, freguesia de Lagares, Lv. 6M, 1816-1831, fl. 115v.º

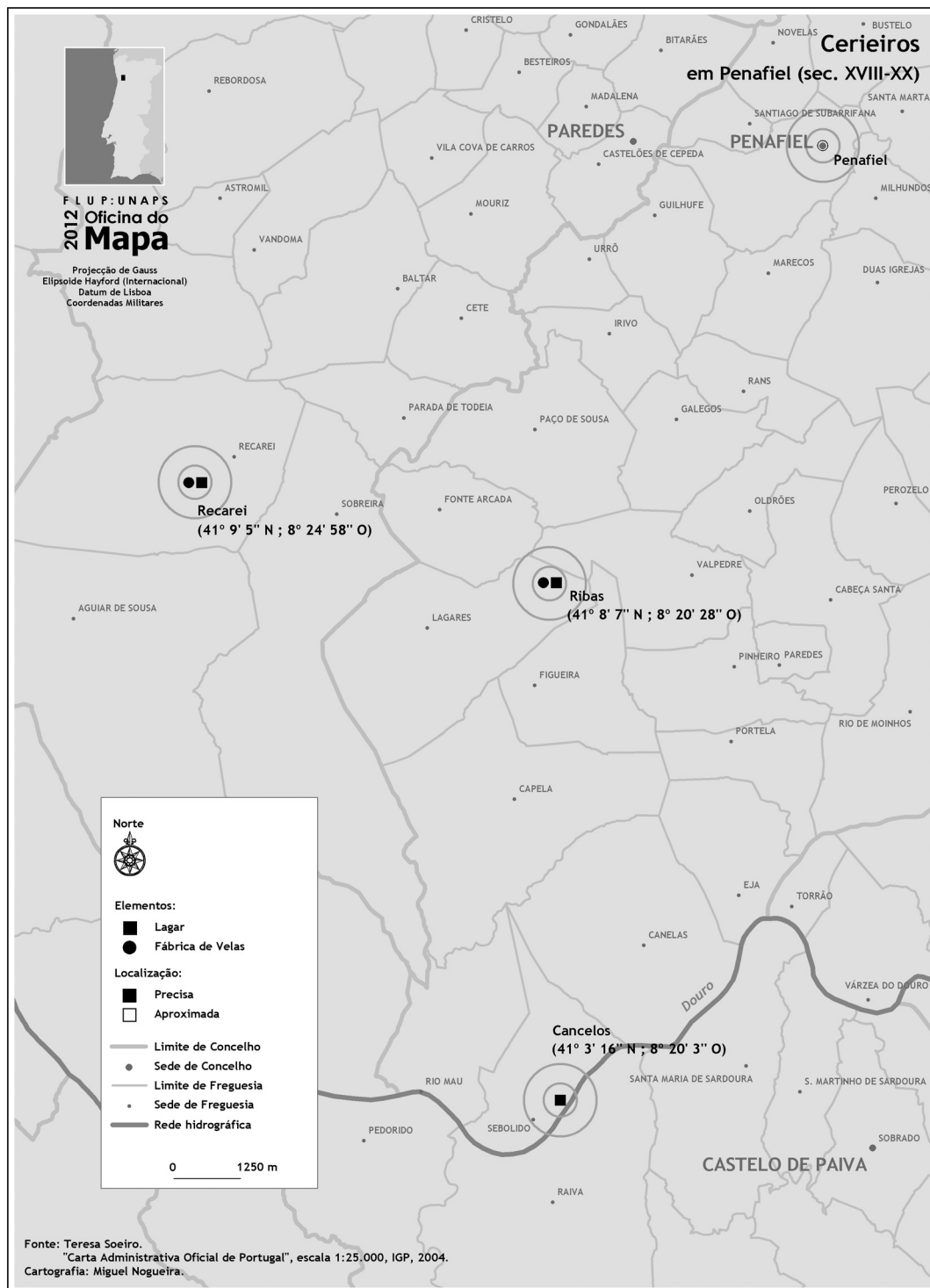
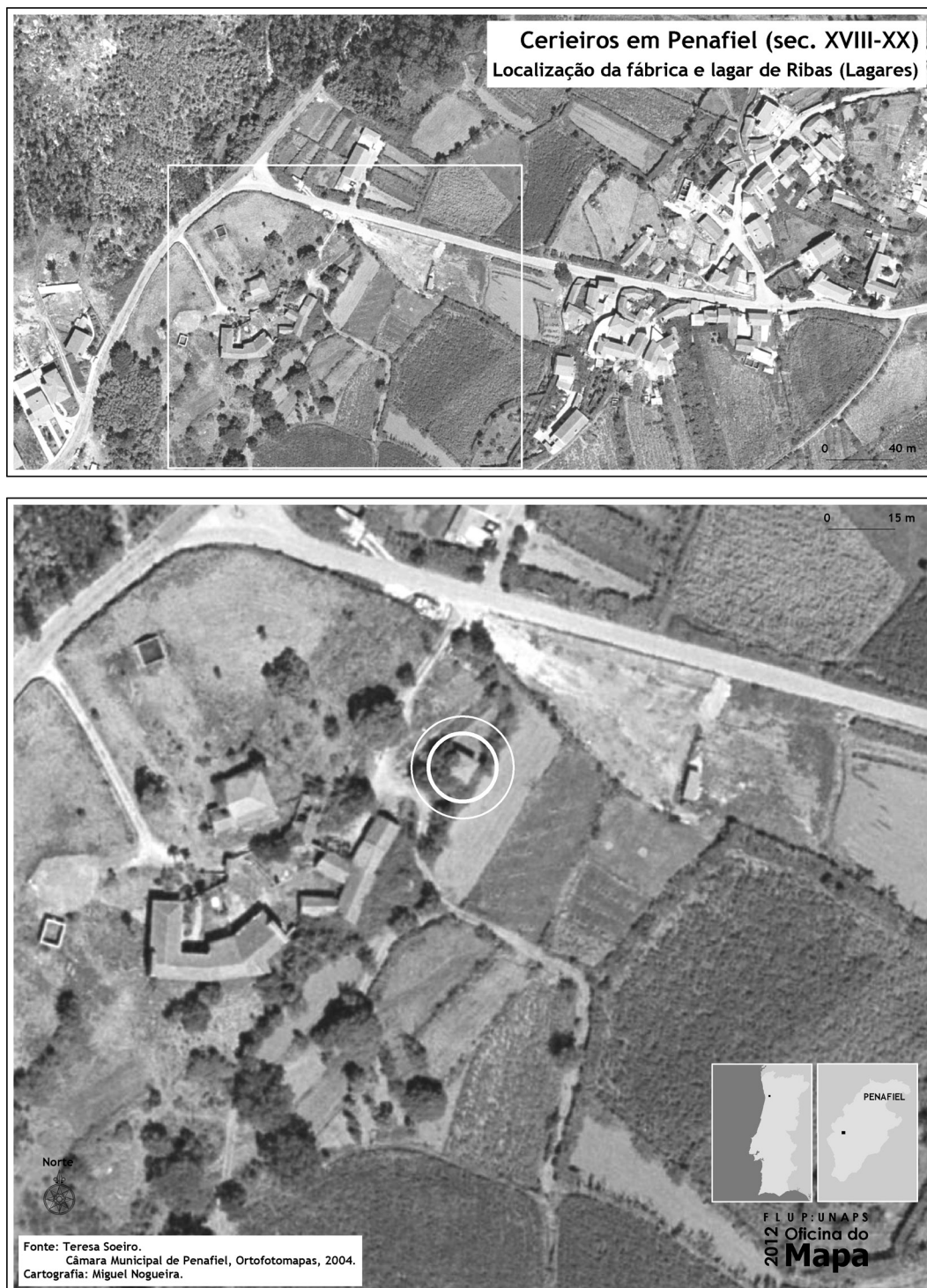


Fig. 1 – Localização dos centros cerieiros e lagares de cera na área de Penafiel



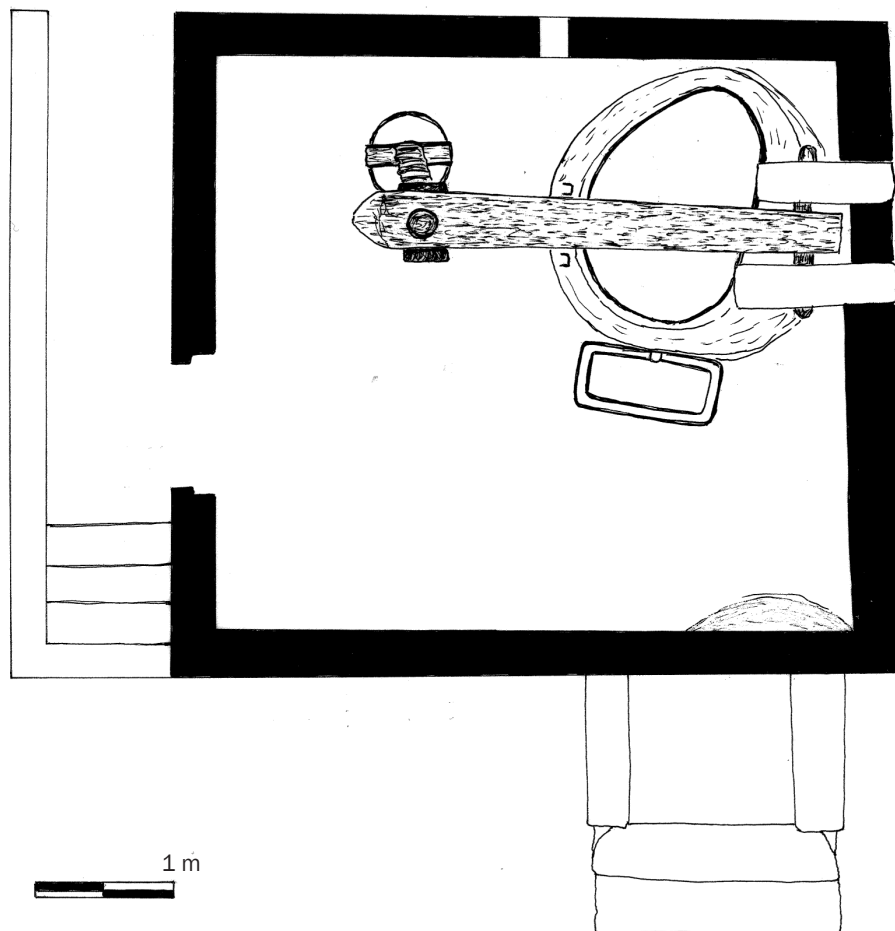


**Fig. 2** – Casa da Silveira (Ribas, Lagares), com a localização do lagar





**Fig. 3** – Conjunto edificado em que se integra a casa do lagar



**Fig. 4** – Esquisso da planta do lagar



**Fig. 5** – Exterior do edifício do lagar



**Fig. 6** – Instalação do lagar e prensa



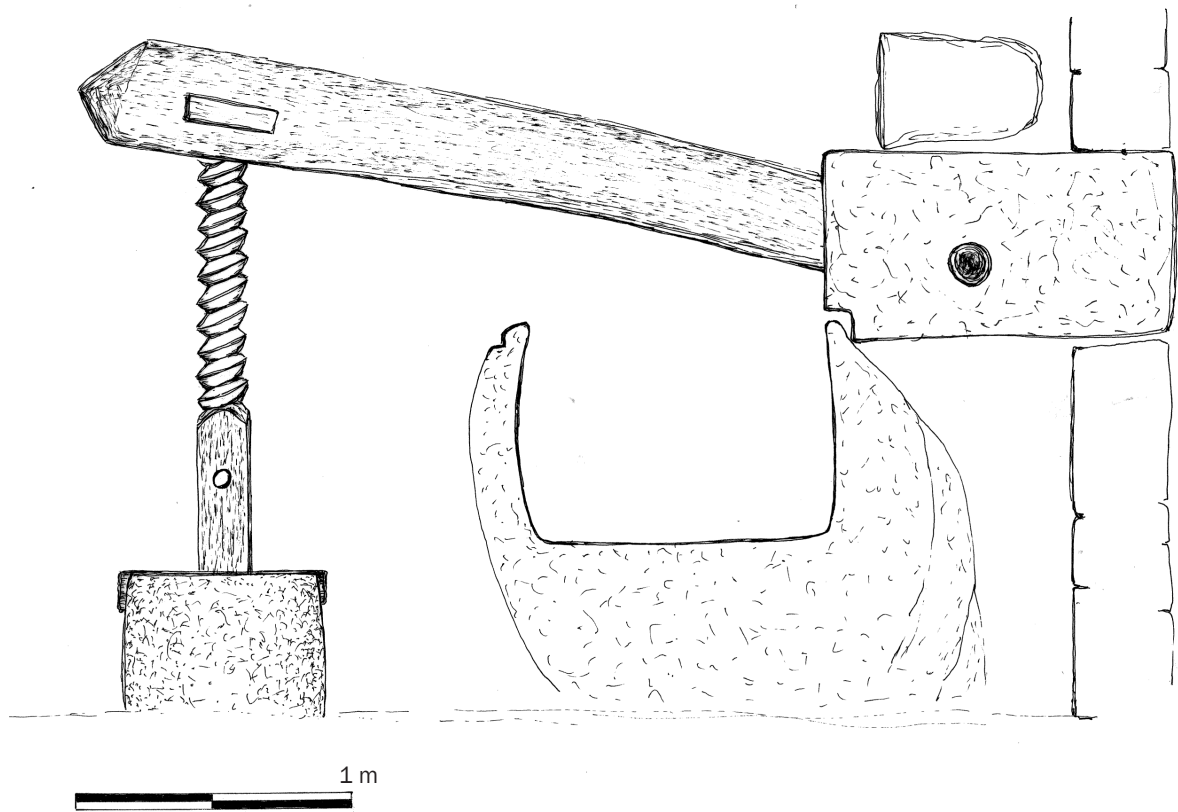


Fig. 7 – Corte do lagar e prensa



Fig. 8 – Extremidade da prensa com o fuso montado



**Fig. 9** – Ligação do peso ao fuso por sistema de duplo chanfro



**Fig. 10** – Entalhes na pedra do lagar para instalação das virgens